

RUBEM AZEVEDO LIMA

14 SET 1998

Brincar com o fogo

Economia Brasil

Para garantir o leilão da Telebrás, o governo mobilizou quatrocentos advogados contra os brasileiros que impugnavam judicialmente a operação. Armou-se, então, um aparato de guerra à frente da Bolsa de Valores para afastar do local os brasileiros contrários à venda do sistema Telebrás. Tais lembranças o tempo não apaga. Fez-se o leilão e se concretizou outro negócio em que o fruto do trabalho dos brasileiros foi vendido barato, a pretexto de ajudar o país a pagar dívidas.

Agora se vê que o empenho privativista do governo foi inútil. A Moody's, empresa americana de análises econômicas, considera o Brasil país de risco para investimentos e aconselha os investidores a darem o fora. Em um mês de frituras, foram-se US\$ 12 bilhões de reservas cambiais. Com o alerta da Moody's, sumiram mais US\$ 4 bilhões. O governo subiu os juros, de 9,5% para 29,75%, tentando salvar o que restara. Mas, ao fazê-lo, aumentou a dívida pública em US\$ 4,4 bilhões. Nova fuga de dólares e outra alta de juros, para 49,75%, o que faz o endividamento subir em

US\$ 9 bilhões. As reservas cambiais caíram, com isso, em mais R\$ 22 bilhões, estando hoje na faixa de US\$ 52 bilhões.

A Moody's não tem bom conceito, pois já errou em muitas análises. O governo Fernando Henrique, grande interessado na estabilidade monetária, poderia até agir contra essa empresa, mas se limitou a um tímido protesto do ministro Malan. Achou talvez suficientes os elogios feitos à sua política econômica — de privatizações, juros altos e estímulos ao ingresso de capital externo — pelo FMI e o *Wall Street Journal*. Tais entidades também não são confiáveis, pois falharam nas avaliações sobre o México, às vésperas da sua implosão econômica. Além disso, em 1986, o *WSJ* elogiou as "transações bem-sucedidas" do especulador Michael Milken, que logo depois, seria preso e condenado por especulação criminosa no mercado de capitais dos Estados Unidos.

Para o FMI e o *WSJ*, bom é o modelo econômico dos EUA, criador da maior bolha especulativa do mundo, capaz de explodir a qualquer momento. Ali, o valor do mer-

cado de capitais é o dobro do PNB, que cresceu US\$ 2,59 bilhões, no ano, contra US\$ 13,76 bilhões na bolsa. A diferença de US\$ 11,16 bilhões é puro papel de ações.

Se falsas fossem as conclusões da Moody's, FHC poderia acioná-la nos EUA por danos à economia brasileira. Mas não o fez, embora conte com quatrocentos advogados. É que, para reelegê-lo, o governo elevava de R\$ 16.397 bilhões, no primeiro semestre de 1997, para R\$ 32.965 bilhões, no mesmo período de 1998, a dívida pública do país. Com as altas de juros para segurar o capital especulativo de que dependia, inviabilizou-se a produção nacional. Esse fato e o corte de recursos do orçamento para programas sociais e de infra-estrutura agravarão, ainda mais, o problema do desemprego no Brasil. Para evitar que os eleitores se arrependam do apoio a FHC, os marqueteiros oficiais satanizam, preconceituosamente, os adversários políticos. E torcem para que o arrependimento não aconteça antes do pleito. Deve ser piada, mas é o que se chama de brincar com o fogo.

CORREIO BRAZILIENSE